

22 MAI 1996

# Síndrome da vaia

CORREIO BRASILENSE

Impopularidade não chega a ser o fim do mundo, em se tratando de governos. Todos se encontram com ela em algum momento. O desafio está em conhecer as chances efetivas de administrá-la e superá-la, sem apelo a truques e pajelanças — a via publicitária, por exemplo.

Ao tempo do regime militar, as críticas da oposição eram respondidas com publicidades do tipo "Brasil, ame-o ou deixe-o". Enquanto a economia esteve bem e a imprensa amordaçada, deu certo. Quando, porém, a recessão se instalou e a inflação recrudesceu, não houve propaganda que desse jeito.

O regime pós-64 não soube decifrar o enigma da esfinge da impopularidade e foi por ela lentamente devorado. O governo Fernando Henrique vive seu pior momento, em matéria de imagem. Não se trata apenas de efeito de recentes tragédias como a dos sem-terra, em Eldorado dos Carajás, como argumentam

seus porta-vozes.

Se tudô estivesse bem — economia em expansão, salários em alta e preços em queda —, mesmo as piores tragédias seriam vistas como fenômenos isolados (ainda que não o fossem). O drama do governo Fernando Henrique não se resolve com propaganda e críticas ao pessimismo, como sugerem os dirigentes do PSDB. O governo se impôs missão ambiciosa, que comporta riscos de igual proporção.

Desde o início, o presidente sabia que estava diante de uma situação radical, que ou o liquidaria ou o consagraria perante a história. Não se desafiavam estruturas historicamente sedimentadas sem riscos de grandes turbulências.

A reforma do Estado brasileiro não é simples medida de ordem administrativa. Por sua extensão, profundidade e interesses que contraria, equivale a uma revolução cultural. Está claro que o governo Fernando Henrique, que com ela está

comprometido, não a realizará, não ao menos na dimensão em que originalmente a concebeu. Basta ver o que acontece com a reforma da Previdência.

Examine-se a proposta inicial do governo, remetida ao Congresso logo no início da atual legislatura, e a que em breve será votada, fruto dos numerosos vaivéns da negociação política. Pouca coisa sobreviveu da original.

Há ganhos importantes, como a quebra dos monopólios nas telecomunicações e no petróleo. O processo de abertura brasileiro nas telecomunicações, por exemplo, graças a um prazo-limite introduzido pelo PFL no projeto que regulamenta parcialmente a quebra do monopólio, está entre os mais velozes do mundo. Mas os efeitos concretos de tudo isso demoram (daí o desejo da reeleição). O que há, de concreto, no momento, é o sufoco e a insegurança que este produz. Daí a impopularidade.